

# historia: fronteiras



**Vol. II**

Eunice Nodari  
Joana Maria Pedro  
Zilda M. Gricoli Iokoi  
(organizadoras)

Volume II



# História: Fronteiras

XX Simpósio Nacional da ANPUH

Florianópolis-SC

Julho de 1999

ANPUH

*Humanitas*  
FFLCH/USP

1999

---

## NAS FRONTEIRAS DA NEGRITUDE E DA NACIONALIDADE: LUIZ GAMA E W. E. B. DU BOIS

---

Heloisa Toller Gomes  
*Universidade Estadual do Rio de Janeiro*

Sobre as abas sentado do Parnaso,  
Pois que subir não pude ao alto cume,  
Qual pobre de um Mosteiro à Portaria,  
De trovas fabriquei este volume.

Luiz Gama

Sobre os pensamentos mais íntimos dos escravos (...), chegaram até nós apenas lampejos ocasionais, além de eloqüentes omissões e silêncios.

*W.E.B. Du Bois*

**E**ste ensaio aborda a produção poética do abolicionista brasileiro Luiz Gama na sociedade monárquica do século XIX, e a prosa ensaística de *The Souls of Black Folk (As Almas da Gente Negra)* do afro-americano W.E.B. Du Bois, cuja vida pública cobriu o período pós-guerra civil nos Estados Unidos e seis décadas do século XX. A obra dos dois líderes negros, da qual enfocamos pequena e significativa parcela, volta-se determinadamente para os problemas das respectivas sociedades em que viveram seus autores e abre-se também para outras épocas, dada a abrangência da questão que os ocupou primordialmente: a experiência desagregadora da escravidão e a conquista da liberdade e da cidadania para a população ainda escravizada (caso de Gama), ou já gozando de duvidosa liberdade (caso de Du Bois). Tal produção discursiva, emblemática do discurso afro-descendente nas Américas e de seu então nascente cânone literário, ilumina muitas das trans-

formações sócio-culturais no continente, dos longínquos tempos coloniais às sociedades modernas. Seu exame aponta para a criação de uma escrita que, embora ainda partindo dos paradigmas racialistas e nacionalistas vigentes durante o século XIX e a primeira metade do século XX, já sugere o questionamento e o esboroar desses paradigmas<sup>1</sup>. Para tanto, essa escrita envereda por aquilo que caracterizaremos a seguir como discurso marginal.

De início, um breve esboço biográfico dos dois autores em pauta torna-se necessário. Suas respectivas trajetórias de vida, se abarcadas em um único olhar, perfazem um arco que vai do ocaso da escravidão no Brasil (tempo de Luiz Gama) ao “alvorecer da liberdade” para os negros nos Estados Unidos (época de Du Bois). Ambos nasceram pobres: Luiz Gama, nascido em Salvador, filho da africana livre Luiza Mahin e de um branco não identificado, foi vendido pelo pai como escravo. Aos 17 anos, fugiu para São Paulo e só então logrou alfabetizar-se. Trabalhou como soldado, tipógrafo, escrivão de polícia, jornalista. Impedido de matricular-se na faculdade de direito, tirou carta de advogado provisionado, tornando-se defensor da causa dos escravos. Em sua atividade forense, libertou mais de quinhentos cativos. Foi ele o pioneiro do direito negro no Brasil e, ainda jovem, consagrou-se nos meios abolicionistas. Em verdadeiras acrobacias de habilidade jurídica, no uso da jurisprudência imperial escravista, Gama encontrava estratégias e recursos para libertar pessoas escravizadas, diminuir-lhes o tempo de cativo ou impedir sua reescravização. Ele argumentava nos limites dos códigos estabelecidos no mundo jurídico, sempre atento às novas discussões e perspicaz no uso daqueles velhos códigos que por vezes conseguia reverter em benefício de seus objetivos<sup>2</sup>. Fundador do Centro Abolicionista de São Paulo e do Partido Republicano Paulista, Gama publicou dois livros de poemas satíricos, *Primeiras Trovas Burlescas* (1859) e *Novas Trovas Burlescas* (1861), inserindo-se mais pela cronologia do que por vocação e temperamento no movimento romântico brasileiro. Luiz Gama faleceu em São Paulo em 1882, não sendo, portanto, testemunha da extinção jurídica da escravidão.

William Edward Burghardt Du Bois nasceu em Massachusetts em 1868, descendendo de franceses huguenotes e de africanos. Estudou na Fisk University, em Nashville – uma das universidades negras fundadas nos Estados Unidos após a guerra civil, ainda no século XIX. Graças a uma bolsa de estudos, ele cursou durante dois anos a Universidade de Berlim e, de volta aos Estados Unidos, foi o primeiro negro a doutorar-se em filosofia na Harvard University. Um dos fundadores da NAACP (*National Association for the Advancement of Colored People*), em 1910, Du Bois fundou e editou a revista *The Crisis*, órgão oficial da NAACP, para a qual contribuiu regularmente durante mais de vinte e cinco anos com polêmicos editoriais e artigos de fundo. Publicou obras de história e sociologia, experimentando também a ficção e a poesia. Dos seus livros, citamos *The Suppression of the African Slave-Trade to the United States: 1638-1870* (sua tese de doutorado em Harvard, de 1896) e *Black Reconstruction* (análise marxista do período pós guerra-civil no Sul dos Estados Unidos, de 1935). Destacamos aqui aquele que é geralmente visto como sua obra-prima, *As Almas da Gente Negra* (1903). Ao final de longa vida, em 1961, Du Bois emigrou para Gana e naturalizou-se cidadão daquele país africano, onde faleceu dois anos mais tarde.

Mestiços, vivendo em um ambiente racial polarizado, tanto Gama quanto Du Bois optaram pela afirmação da identidade negra em sociedades que, por meio de competentes mecanismos de poder e diferentes estratégias, asseguravam a hegemonia social, política e econômica de suas elites em drástica política de exclusão dos segmentos populacionais dominados - basicamente, os “não-brancos”. A política metropolitana das colônias, assim como depois a das nações americanas egressas do domínio colonial, empenhou-se em impedir àquelas populações dominadas o acesso ao poder, mantendo a subordinação dessas populações por meio de eficientes formas de controle. Do ponto de vista cultural, cerravam-se fileiras em torno da exclusividade, para as elites dominantes, da posse e da manipulação do saber.

Ilustremos este último aspecto. Ao investigar a política cultural e a instituição de um sistema de saber sobre a literatura e

seu ensino no Brasil do século XIX, Roberto Acízelo de Souza, em obra sugestivamente intitulada *O Império da Eloquência: Retórica e Poética no Brasil Oitocentista*, aponta a subordinação da atividade crítica e pedagógica entre nós, naquela época e no campo dos estudos literários, ao paradigma historicista hegemônico, a par de “uma vertente de procedência clássica, que sobrevive aos triunfos do romantismo, prolongando a vigência de duas disciplinas antigas do discurso, a retórica e a poética.” O conservadorismo e “o apego ao princípio de autoridade” foram os traços marcantes, segundo Roberto Acízelo, de toda a nossa organização pedagógica oitocentista – da Congregação do Colégio Pedro II e do Conselho Diretor e Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte, ao Ministério do Império. A isso, acrescenta-se o paternalismo, benigno ou desdenhoso, a afirmar como certos a inferioridade intelectual das camadas populares e o conseqüente papel dirigente das elites<sup>3</sup>.

Se enfocarmos historicamente a política cultural nos Estados Unidos verificamos, *mutatis mutandis*, um espírito autoritário análogo a serviço do eurocentrismo cultural, acoplado à desqualificação sistemática dos não-brancos. Não é de estranhar que vários dos grandes escritores do século XIX tenham travado uma árdua luta com a censura de seu tempo. Para citarmos apenas um exemplo, a obra-prima de Mark Twain *Adventures of Huckleberry Finn* (1884), manteve-se durante várias décadas afastada dos currículos escolares. Podemos prosseguir, nesse sentido, com um depoimento do próprio Du Bois. Em sua autobiografia, *Dusk of Dawn* (1940), ele tece comentários sobre a sua experiência de juventude no sólido ambiente vitoriano da Universidade de Berlim e de Harvard, onde, diz ele, “estudávamos história e política quase que exclusivamente do ponto de vista de antigos ideais de liberdade alemã, da democracia inglesa e da Nova Inglaterra, e do desenvolvimento dos Estados Unidos”, tocando apenas de passagem naquilo que primordialmente o interessava: “O problema da admissão [do povo negro] na liberdade da democracia”<sup>4</sup>.

Na verdade, em todo o continente americano, os afro-descendentes foram os mais duramente atingidos pela política cul-

tural de apagamento e neutralização de que foram alvo as populações definidas como “não-brancas”. Aos negros, associados secularmente ao trabalho escravo, não cabia atribuir nem mesmo o ambíguo estatuto do “exótico” infligido ao índio desde longínquos tempos coloniais. Dando-se conta dessa negação cultural extremada, críticos sociais das Américas têm recentemente discutido o que Amaryll Chanady resumiu como “o apagamento simbólico do componente africano”<sup>5</sup>. Nas diferentes regiões das Américas, tal política de apagamento cultural acomodou-se e sobrepôs-se, secularmente, a todas as distinções culturais, lingüísticas, religiosas e nacionais e a seus (necessariamente diferentes) códigos jurídicos e comportamentais, a regerem as relações inter-raciais. Na esfera cultural brasileira, por exemplo, do período colonial às primeiras décadas do nosso século, não se registra qualquer valorização cultural da herança africana enquanto tal<sup>6</sup>. Nas Américas, as primeiras tentativas consistentes de reconhecimento cultural das raízes africanas e seus desdobramentos surgiriam apenas a partir da década de 1920, com o impacto da *Harlem Renaissance* novaiorquina e, anos depois, com a negritude franco-afro-caribenha.

Foi nesse ambiente intelectual adverso que se inscreveram, respectivamente, a escrita poética do brasileiro Luiz Gama e a do norte-americano Du Bois, com o seu *As Almas da Gente Negra*. A apreensão, por parte de ambos, do papel funcional das alegações de primitivismo, ignorância ou superstição, na desqualificação das manifestações culturais das populações dominadas para enfatizar, acoplada ao processo de dominação, uma enorme distância mental a separar dominadores e dominados; a consciência da prevalência secular, imposta pelo viés cultural, da falaciosa noção de um vazio mental que justificasse moral e intelectualmente a dominação daquelas camadas populacionais, reduzidas e definidas por um traço de negação; a compreensão dessa situação contextual, enfim, tornava extremamente problemática e, justamente por tudo isso, urgente, a elaboração de um discurso próprio que não se curvasse ao etnocentrismo hegemônico. Daí o papel da “literatura marginal” que passamos a discutir no que se segue, e que caracteriza a produção intelectual de nossos dois

autores, enquanto emblemáticos da formação de novos cânones, o das chamadas “minorias”.

Discurso marginal é aquele que se exerce nas franjas, ou nos limites, do discurso cultural dominante e que dele se serve, apropriando-se de seus recursos lingüísticos com todo o aparato simbólico e imagístico de que esse discurso dispõe enquanto produtor de significados – “nas abas do Parnaso”, segundo a sarcástica expressão de Luiz Gama. Simultaneamente a esse uso, porém, o discurso marginal estabelece uma positividade antagônica ou refratária em relação ao discurso dominante de origem. Não é necessário que o “marginal” se oponha frontalmente ao “dominante”, podendo inclusive estar ambos a serviço das mesmas causas. Como exemplo, o discurso abolicionista nas Américas, em suas diversas modalidades de funcionamento, o qual tanto foi produzido por representantes das altas esferas do poder político (como Joaquim Nabuco e Lincoln, para prosseguirmos tendo o Brasil e os Estados Unidos como referências principais), quanto por indivíduos apartados desses centros de poder e afastados de suas decisões (casos de Luiz Gama e José do Patrocínio, no Brasil; Frederick Douglass e John Brown, nos Estados Unidos). O discurso marginal não se define necessariamente por linhas raciais ou étnicas, embora a inserção de seus autores neste ou naquele grupo possa contribuir decisivamente para a sua localização e direcionamento.

O discurso marginal de que tratamos, na verdade, apropria-se do discurso dominante para questioná-lo e corrompê-lo, desvirtuando os seus recursos retóricos e a sua capacidade reguladora de conhecimento e mantenedora (ou corretora) da ordem, dada a articulação com o poder estabelecido que aquele discurso dominante mantém. Como estratégia, esse discurso inovador firma-se aproveitando os pontos fracos do discurso dominante: as brechas e lacunas que, segundo Michel Foucault, existem necessariamente no interior de todo discurso hegemônico, e contra as quais é sempre possível montar um ataque<sup>7</sup>. É em tais pontos de fragilidade que se pode instalar o discurso marginal. Inserindo-se em meio a falhas do tecido cultural, ele ocupa suas lacunas para, por meio delas, construir novas positivities que

desestabilizarão os sentidos consagrados e efetuarão novas configurações. O discurso marginal não parte do interior dos centros de poder e de saber que evidentemente o excluem, nem tampouco de fora dessa cultura que, afinal de contas e legitimamente, também reivindica como sua. É a partir das bordas culturais que ele se articula, e sua posição estratégica lhe permite o olhar de dentro e de fora, a apropriação subversiva dos estilos e dos sentidos canônicos e a incorporação de elementos extra-culturais (em relação à cultura oficial) que se lhes acrescentam e deles subtraem a univocidade.

Luiz Gama e de Du Bois, na elaboração de um discurso assim desestabilizador, contribuíram para a produção das “contranarrativas da nação” de que fala Homi Bhabha, na medida em que suas respectivas escritas questionam as narrativas da nação que compõem a história oficial. Embora os dois autores partam dos paradigmas culturais contemporâneos e sua escrita se forje a partir da noção da subordinação racial, eles avançam uma reflexão que, inusitadamente, já aponta para um cruzamento de fronteiras e que transcende “a narração do excepcionalismo escravo” – apanágio dos autores afro-americanos anteriores a Du Bois, conforme afirma Paul Gilroy em *The Black Atlantic*<sup>8</sup>. O estudo deles revela, nesse sentido, o crescente aproveitamento que ambos fizeram de componentes culturais (basicamente orais) de origem africana. Du Bois tinha das “raças” uma concepção dinâmica, uma vez que estas continuamente se transformam e desenvolvem, amalgamando-se e diferenciando-se. Sem admitir a existência de linhas físicas ou mentais a separar do resto da humanidade “a parte mais escura da família humana”, seu assumido objeto de estudo, Du Bois interessava em nela descrever seus grupos sociais apreensíveis na história, na aparência, nas realizações culturais.

No *corpus* geral da obra de Du Bois, *As Almas da Gente Negra* já pode ser visto como integrante da modernidade literária, pois seu texto evita circunscrições rígidas de gêneros literários, transita pelas diferentes disciplinas do conhecimento e adota, como recurso retórico, formas discursivas populares e não verbais – a saber, as musicais. O livro mescla a investigação cientí-

fica (em especial no campo dos estudos sociológicos), a expressão ensaística da militância social e política, o apelo confessional, a escrita ficcional. Se, por um lado, essa conjugação livre e aparentemente frouxa aponta para a marca da modernidade, por outro, em sua polifonia, sugere a inspiração advinda da religião afro-americana, cuja complexa retórica de base musical é assim descrita no capítulo X, “Sobre a Fé dos Nossos Pais”.

A música da religião negra é aquela melodia rítmica e plangente com as suas tocantes cadências em tom menor que, apesar das caricaturas e das deturpações, ainda é a expressão mais bela e original da vida e da nostalgia humanas já nascida em solo americano. Originária das florestas africanas onde a sua contraparte ainda pode ser ouvida, ela foi adaptada, alterada e intensificada pela trágica vida interior do escravo até que, sob a pressão da lei e da chibata, tornou-se a expressão única e verdadeira da dor, do desespero e da esperança de um povo.

(...) a Exaltação do *Shouting*, quando baixa o Espírito do Senhor e possui o devoto, enlouquecendo-o de alegria sobrenatural, é o último elemento essencial da religião negra, o mais merecedor de fé piedosa entre todos os outros. Isto pode variar em expressão, indo da silenciosa fisionomia enlevada ou do murmúrio e gemido suave, ao abandono desvairado do fervor físico – o bater dos pés, os brados e os gritos, o balançar rítmico do corpo e a selvagem agitação dos braços, o pranto e o riso, a visão e o transe. Nada disto é novo no mundo, sendo antigo como a religião, como Delfos e Endor. E isto de tal forma tomou conta do negro que muitas gerações acreditavam firmemente que, sem esta manifestação visível de Deus, não poderia haver uma comunicação verdadeira com o Invisível<sup>9</sup>.

Cada um dos 14 capítulos do livro que consagrou internacionalmente Du Bois é sempre antecedido por uma epígrafe dupla, a exhibir um trecho poético da literatura canônica ocidental e alguns compassos de canções afro-americanas anônimas – as *sorrow songs* (tema principal do último capítulo). O texto apresenta, em sua concepção, um feixe de vozes em que se dissolvem as fronteiras culturais e são abolidas as hierarquias culturais fazendo-se ouvir, em inusitada harmonia, três vertentes distintas. O próprio autor, e as vozes das duas culturas por ele or-

questradas, a anunciarem cada capítulo. Conjugam-se e iluminam-se reciprocamente os dois veios culturais – o branco e o negro – e as duas modalidades de discurso – a textual e a musical, esta última apontando para o discurso comunal, característico da expressão religiosa afro-americana. O resultado é um discurso novo, que requer uma nova atitude de leitura.

No caso de Luiz Gama, e no mesmo rumo inventor de novas construções, destaquemos o papel da sátira, fortíssimo em seu discurso poético. A poesia de Gama encontra-se em encruzilhada na qual se articulam a tradição luso-européia, a voz do crítico social, a herança africana. Daquela tradição ele se serviu, brincando com a metrificacão e utilizando formas eruditas com o desembaraço de bom poeta mas sempre na contramão, invertendo e confundindo hierarquias. E desnudando, com extrema irreverência, os desmandos que via, abundantes, proliferarem em nossa sociedade oitocentista:

Se impera no Brasil o patronato,  
Fazendo que o Camelo seja Gato,  
Levando o seu domínio a ponto tal,  
Que torna em sapiente o animal;  
Se deslustram honrosos pergaminhos  
Patetas que nem servem p'ra meirinhos,  
E que sendo formados Bacharéis,  
sabem menos do que pecos bedéis  
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,  
Pois que tudo no Brasil é raridade!

761

Por intermédio de um jogo poético atilado, Gama analisa eventos e personagens contemporâneos, bem instrumentado para tanto por sua vivência de jornalista, jurista e ativista político. A par disso, é de se notar a ênfase, inusitada para a época, numa negritude que ostentou com irreverente orgulho, patente nas palavras de origem africana incorporadas a seus decassílabos “anti-heróicos”. Ele soube explorar a confluência de vertentes assim ricas e conflitantes em sínteses a que não faltaram a reflexão sobre o próprio trabalho poético e toques deliciosos de humor. Como no poema “Lá Vai Verso”:

Quero que o mundo me encarando veja,  
 Um retumbante Orfeu de Carapinha,  
 Que a Lira desprezando, por mesquinha,  
 Ao som decanta de Marimba augusta;

Gama, no entrelaçamento da herança clássica e de vocábulos e motivos africanos, produz situações de estranhamento para o que a tradição satírica se presta magnificamente, num estar dentro e fora que exercita a visão dupla e estimula a crítica social, sempre pondo em xeque os valores sociais e estéticos dominantes. Ele aponta com argúcia para o caráter ambíguo que caracteriza as relações inter-raciais no Brasil, e para o “embraquecimento” que é tanta vezes sinônimo da ascensão econômica e do reconhecimento social:

Digam lá o que quiserem,  
 Fale embora o maldizente;  
 Eu bem sei que tudo mente,  
 Sei que o mundo tem razão;  
 Se eu tivesse na algibeira  
 Alguns cobres, que ventura! –  
 Mudava o nome, a figura,  
 Ficava logo – Barão!<sup>10</sup>

762

Os versos de Gama expressam a consciência de uma identidade “pan-africana”, ressaltando a premência da recuperação de uma origem comum, a África, e a visão da africanidade como uma das partes constitutivas das sociedades americanas, alicerce da identidade brasileira. Sua literatura propicia, portanto, um conseqüente redesenhar de fronteiras étnicas e de identidades compartilhadas com o continente africano. Ela também se volta para a conscientização da sociedade abrangente, contra o clamor das agressões e os silêncios da cumplicidade e da acomodação.

Cumprir destacar, tanto em Luiz Gama quanto em Du Bois, a valorização da mulher negra: Gama critica aqueles que esquecem a “vovó que é preta-mina”. No poema “Meus amores”, ele louva a mítica “formosa crioula, ou Tétis negra,/ [que] tem por olhos dous astros cintilantes.” Num tom mais próximo à realidade circundante, evoca em outro texto a própria mãe:

Minha mãe era baixa de estatura, magra, bonita, a cor era de um preto retinto (...) muito altiva, geniosa, insofrida e vingativa. Dava-se ao comércio – era quitandeira, muito laboriosa, e mais de uma vez, na Bahia, foi presa como suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravos, que não tiveram efeito<sup>11</sup>.

Em *As Almas da Gente Negra*, ao discorrer sobre a grandeza obscura e o destino abortado da jovem “Josie”, Du Bois realiza uma de suas criações mais belas e convincentes de personalidades femininas. Em sua obra posterior, ao lado de uma visão que antecipa a mulher moderna – a “mulher do futuro”, segundo ele, com carreira e independência – despontaria a figura mítica da mãe-africana-desterrada, elo crucial de uma cadeia de mulheres fecundas:

(...) a pequena, longínqua mãe de minhas avós, que chorou em pungentes canções todas as perdas de sua vida – as palmeiras e as águas perfumadas; a avó alta, cor de bronze; e, sobretudo, minha própria mãe, em toda a sua escura maciez –, o veludo marrom de sua pele, o pesar de seus olhos negros e as suaves ondas de seu cabelo noturno, partido na frente<sup>12</sup>.

Algumas perguntas, finalmente, se impõem: que sentido tem evocar o nome e a obra de Luiz Gama e de Du Bois e reavivar a reflexão em torno deles, nos dias de hoje? E que pertinência pode ter uma abordagem que os perceba paralelamente?

A oportunidade de tal reflexão e do paralelo que estabelece está em expor o empenho comum de seus respectivos discursos contra o jugo da sociedade dominante e contra a anomia mental infligida por esse domínio aos dominados. Na luta contra o “embranquecimento” psicológico – os “mulatos esfolados”, nas palavras de Gama; nos esforços de conscientização das populações contra a inferioridade imposta e seus corolários, os mecanismos de perpetuação da ignorância e da baixa-estima. Com a força oblíqua e contundente de uma assumida postura discursiva marginal, no fortalecimento da ação social com elementos culturais advindos das camadas populares do presente e do passado, do próximo e do distante, no tempo e no espaço.

A pertinência do paralelo está, enfim, no realce de um mesmo e destemido ativismo sócio-político, aliado a uma ousada atividade cultural: em Gama, a militância de abolicionista radi-

cal desdobrada no jornalismo, na poesia e na jurisprudência. Em Du Bois, a atividade de professor, historiador e sociólogo, iluminada pelo brilhantismo do ensaísmo jornalista, da ficção e da poesia. Du Bois é o grande precursor do movimento *Black Power*, nos Estados Unidos. E, como Luiz Gama, antecipou o pan-africanismo.

Os nomes de Luiz Gama e de W.E.B. Du Bois despontam como fortes referências, não só pelo que realizaram mas principalmente por tudo o que resta fazer, em prol da sociedade igualitária pela qual ambos se empenharam. Pois tudo o que disseram, em seu discurso articulado nas bordas de uma cultura etnocêntrica, aponta ainda hoje, na virada do milênio, para o que precisa ser feito.

Deve-se destacar neles, sobretudo, que o aspecto construtivo sobrepõe-se ao destrutivo, o inventivo ao desconstrutor. Como escritores, ao se apoderarem e usufruírem à vontade das potencialidades da linguagem, ambos poderiam estar dizendo, com o Wittgenstein de *Investigações Filosóficas*: “O que dá a impressão de que queremos negar alguma coisa? O que destruímos não passa de castelos no ar.” Assim, na demolição de preconceitos e falsas noções, apostaram e investiram eles nos poderes renovadores da linguagem, visando à construção dos novos tempos. Não foi casual, portanto, que os dois ativistas sociais tenham sido, também, homens da literatura.

764

## NOTAS

<sup>1</sup> Em termos do paradigma racialista, temos em mente o conceito de “racialização”, que reduz a diversidade humana e a representação cultural à iconografia limitada das “raças”. Na história da modernidade, “a raça” surge como uma categoria visual de marca simbólica baseada no olhar europeu sobre os corpos do “outro”. A racialização é um conceito binário da colonização que divide o mundo conceitualmente em europeu e “não europeu”, branco e “não-branco”, naturalizando assim uma distinção eminentemente hierárquica. Apud HESSE, Barnor. “It’s Your World: Discrepant M/Multiculturalisms”. In *Social Identities: Journal for the Study of Race, Nation and Culture*. vol. 03, nº 03, Carfax Publishing, 1997, pp. 389-390.

<sup>2</sup> Ver, a respeito, AZEVEDO, Elciene. *Orfeu de Carapinha: A Trajetória de Luiz Gama na Imperial Cidade de São Paulo*. Editora da Unicamp, 1999. passim.

<sup>3</sup> ACÍZELO DE SOUZA, Roberto. *O Império da Eloquência: Retórica e Poética no Brasil Oitocentista*. Rio de Janeiro/Niterói, EdUERJ/EdUff, 1999, p.26 e passim.

Acrescento, a seguir, exemplos de depoimentos colhidos da pesquisa do Professor Acízelo: o escritor e professor J. C. Fernandes Pinheiro, da primeira geração de românticos, louvava cautelosamente o romance (gênero “d’origem moderna, [diferente das] novellas e histórias que tanto deleitavam a nossos paes”), por ser um veículo capaz de “moralisar e instruir o povo fazendo-lhe chegar o conhecimento de algumas verdades metaphysicas, que aliás escapariam á sua compreensão.” (p.75) Idéias novas eram então vistas com repulsa, enquanto propiciadoras de infortúnios pessoais e sociais, como se pode ver pelas opiniões do também prestigioso literato e professor Manoel da Costa Honorato a respeito do realismo: “Encontrou a nova escola habilísimos interpretes em alguns escriptores francezes contemporaneos, á cujas perniciosas obras cabe em grande parte a responsabilidade dos desastres que opprimirão seu desventurado paiz.” (p.77) .

<sup>4</sup> DU BOIS, W.E.B. *Dusk of Dawn: An Essay Toward an Autobiography of a Race concept*. Du Bois, Writings. (Trad. Heloisa Toller Gomes). New York, The Library of America, p. 574.

<sup>5</sup> CHANADY, Amaryll. “Mestiçagem e Construção da Identidade Nacional na América Latina”. In BERND, Zilah e GRANDIS, Rita de (orgs.). *Imprevisíveis Américas - Questões de Hibridação Cultural nas Américas*. Porto Alegre, ABECAN, 1995, p.38.

<sup>6</sup> No Brasil oitocentista predominou um total desinteresse intelectual em torno do negro. Como exceção a citar, o nome de Silvio Romero, que antecipou a trilha posteriormente aberta por Gilberto Freyre. Pioneira e provocadoramente, Romero, na segunda metade do século XIX, propôs a instituição, no país, de estudos africanos, denunciando a mais cabal ausência de qualquer preocupação intelectual nesse sentido. Escreveu ele: “E se a questão é a de amor para com as raças que constituíram o nosso povo, por que motivo não se estuda o negro, como se estuda o índio? Por que motivo em nosso Museu não há uma seção africana? Por que não se investigam as línguas dos negros, sua poesia, seus contos anônimos, seus usos e costumes, suas danças e festas, suas idéias religiosas etc?” ROMERO, Silvio. *Teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro, LTC, 1978, p. 04.

765

<sup>7</sup> SAID, Edward W. “Foucault and the Imagination of Power”. In *Foucault - A Critical Reader*. Blackwell, 1994, pp.154-155.

<sup>8</sup> GILROY, Paul. *The Black Atlantic - Modernity and Double Consciousness*. Cambridge/Massachusetts, Harvard University Press, 1993, p.111 e passim.

<sup>9</sup> DU BOIS, W.E.B. *As Almas da Gente Negra* (no prelo). (Trad. Heloisa Toller Gomes) Rio de Janeiro, Lacerda Editores.

<sup>10</sup> GAMA, Luiz. *Trovas Burlescas*. São Paulo, Editora Três, 1974. Extratos dos poema: “Sortimento de Gorras: Para a Gente do Grande Tom”, p.30; “Lá Vai Verso!”, p.24; “Que Mundo é Este?”, p.125.

<sup>11</sup> *Idem*. “Meus Amores”, p.154. Carta a Lucio Mendonça. Apud Mennucci, Sud. *O Precursor do Abolicionismo no Brasil (Luiz Gama)*. Companhia Editora Nacional, 1938, p.20.

<sup>12</sup> DU BOIS, W.E.B. “A Maldição das Mulheres” (1920). In HUGGINS, Nathan (org.). *W.E.B. Du Bois, Writings*. (Trad. Heloisa Toller Gomes). New York, The Library of America, 1986.